

POETIGRAFIAS DA EDUCAÇÃO: ADENSANDO UMA PESQUISA CRIADORA COM ARTE

Alberto d'Avila Coelho¹

Resumo:

Este resumo organiza os dados de uma pesquisa que vem sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, do IFSul/ campus Pelotas, na linha de pesquisa 2 Intervenções no espaço-tempo da Educação Básica: filosofia, arte e tecnologias. Tal pesquisa objetiva problematizar o acesso aos saberes que se movimentam nas práticas poetigráficas que são oferecidas em aulas-ateliers, realçadas as forças ativas das Artes Visuais, para trabalhar duas circunstâncias distintas: uma na formação de professores e outra na pesquisa em Educação. A metodologia segue as pistas da Cartografia, com ela assume-se uma atitude que agrimensa um território por agenciamentos de matérias de conteúdo e expressão, o qual emerge da experiência com arte por uma conduta poética/*poiesis*. Resultados e discussões: as práticas poetigráficas realizadas nas aulas-ateliers atendem questões de pesquisa mediante procedimentos que movimentam uma zona de vizinha que chamo de “entre” Educação e Arte, onde os saberes reencontram a vontade de potência da vida em sua condição poética criadora, desalinhando a arbitrariedade dos limites impostos por generalizações e conceitos universais. Conclusões do trabalho: destaco as reflexões realizadas até o momento quanto a argumentos que situam o campo da Educação no sonho, no inédito, no desejo. As forças trabalhadas em um plano de composição rizomático, que joga com o inusitado como ingrediente para a invenção, tem mostrado outras condições possíveis para a Educação (formação docente e pesquisa), principalmente por se tratar de atos de criação afetados pelos signos artísticos. Neste contexto, portanto, poetigrafar é experimentar no corpo imagem e palavra, visualidades e enunciados, produzindo e produzindo-se por signos.

Palavras-chave: arte contemporânea; docência; pesquisa em educação; prática poetigráfica.

Área Temática: Formação de professores

INTRODUÇÃO

¹ Prof. titular no Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas. Doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. albertocoelho@ifsul.edu.br. - <http://lattes.cnpq.br/9433033352601912>. - <https://orcid.org/0000-0001-7700-9108>.

Este resumo expandido organiza os dados de uma pesquisa que vem sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, do IFSul/campus Pelotas, na linha de pesquisa 2, Intervenções no espaço-tempo da Educação Básica: filosofia, arte e tecnologias. O tema da pesquisa trata de práticas que denomino poetigráficas (Coelho, 2022), são fazeres artísticos visuais e plásticos submetidos a processos tradutórios para o campo da Educação, operando-se com o conceito de Didática-Artista da Tradução de Sandra Corazza (2012, 2013). Estas práticas acontecem em seminários que se diferenciam por interesses específicos, o objetivo das práticas poetigráficas para os cursos Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (FPGNL) e Licenciatura em Computação (LC), vale dizer, cursos não específicos ao campo das artes, é sensibilizar de maneira intensa os futuros professores que atuarão na Educação Básica. Quanto ao trabalho com a Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), nos seminários oferecidos para os cursos de mestrado e doutorado, o objetivo é pensar e articular modos de pesquisar em educação. O que os dois ambientes de aprendizagem têm em comum são os procedimentos criadores que se referem às materialidades e visualidades traduzidas das Artes Visuais em seus “fazeres” (experiências estéticas e poéticas).

As poetigrafias desenvolvidas constituem atividades que estão fundamentadas no conceito de poética, em Aristóteles (2007) e Paul Valéry (1999, 2020), e de poética visual, em René Passeron (1997, 2004). Por ações individuais e coletivas, elas convidam os corpos (Deleuze, 1970) a interagirem em aulas-ateliers por afecções produtoras de intensidades. São exercícios disparadores de sensações que estão abertos ao acaso e à improvisação, comprometidos com a ideia de arte como pesquisa (Sanchez, 2015). Contexto assim delineado, segue-se uma problemática geral: como trabalhar questões de pesquisas que provém do campo da Educação, a partir de um plano de composição poética e estética da arte, no explorar de suas visualidades e materialidades? O objetivo da pesquisa aqui apresentada, ainda em andamento, é problematizar o acesso aos saberes que se movimentam nas experiências com as forças poéticas das Artes Visuais, para traduzir modos de formar professores e de fazer pesquisa em Educação com arte.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa é a Cartografia, com ela acompanho o que se passa em aulas-ateliers, espaços criados em meus seminários, cujo interesse é a produção de subjetividade e singularidade (Guattari, 1992, p. 11). Utilizando recursos de registros como a fotografia, o vídeo, as anotações de conversas e outros dispositivos, recolho matérias para refletir e escrever sobre as atitudes dos participantes que tensionam um trabalho técnico, com materiais expressivos, e outro estético, trabalho das sensações, na expectativa de que haja a absorção de um pelo outro, adensando práticas criadoras com arte para pensar uma outra educação.

Com a Cartografia faço um recorte no caos por um “plano de composição das sensações mesmas” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 216). Ao assumir este propósito, e investindo em práticas criadoras, recolho os dados das

experimentações expressos pelos signos artísticos (Deleuze, 2003), efeitos emitidos durante os procedimentos técnicos, estéticos e conceituais. Esta é uma tarefa de adensamento do traçado de um plano de composição que emaranha linhas duras e flexíveis, confundindo os campos da Educação e da Arte pela justa/ sobreposição dos modos de aprender e de viver. Habitando este espaço-tempo inauguram-se circuitos de apropriações antidogmáticas pela transgressão de padronizações, percursos com os quais se funda uma zona de vizinhança, um “entre”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas poetigráficas ocorrem por experimentações bem simples, geralmente utilizo materiais acessíveis, como pincéis marcadores e folhas brancas, tecidos coloridos que tocam a pele, recortes de figuras de revistas e colagens. São ações que incitam e dão início a processos criadores que estão atrelados a uma questão temática - um conceito, uma ideia, um fato, problematizando sintomas da realidade educacional.

Para as turmas dos cursos de formação de professores (FPGNL e LC), o objetivo de sensibilizar os corpos passa pela promoção de experiências que reacendem as memórias de momentos vividos que foram criadores, o que logo remete ao tempo da escola, às aulas de artes oferecidas na Educação Básica. Estes momentos reforçam a necessidade de investir em uma autocriação dos sujeitos (Kastrup, 2001) para alcançar uma formação mais aberta ao sensível e que desafie os modelos racionais que compõem a realidade. Os estudantes destes cursos enfrentam dificuldades, como o de traçar uma linha ou de manchar uma folha em branco à sua frente. Estes momentos são muito ricos, pois deixam surgir comentários que surpreendem, ou pela constatação de que são poucas as lembranças, às vezes nenhuma, das aulas de arte, ou por não localizarem experiências que tenham sido marcantes para eles no sentido da presença de atos criadores em uma sala de aula. Muitas vezes são depoimentos que acendem um alerta quanto aos meus investimentos poetigráficos, pois eles denunciam corpos enrijecidos tentando entender avaliações castradoras que receberam ou que presenciaram no passado. Como lidar com estas realidades? Como fazer um corpo desprender-se de suas amarras? No caso de estudantes provenientes de uma graduação em Artes Visuais, que cursam a FPGNL, as memórias de criação com arte que aparecem durante as conversas em aula, quase sempre são trazidas do período de formação de seu curso superior.

Quanto às turmas do PPGEdu, as práticas poetigráficas iniciais tem como objetivo ativar as sensibilidades dos participantes para, desde aí, prospectarem possíveis respostas às suas questões de pesquisa, na possibilidade de serem submetidas aos fazeres da *poieisis*, uma conduta criadora que lida com formas de expressão traduzidas das artes visuais/ plásticas. Abrindo espaço às memórias destes participantes, em conversas coletivas ou individuais, fico atento aos saberes que circulam durante as experiências com as forças ativas das práticas artísticas visuais, em como elas podem traduzir modos de fazer pesquisa em Educação. Ao desenhar, pintar, esculpir, fotografar, coreografar, encenar, instalar, sonorizar, cada estudante vai problematizando suas leituras e

outras referências, bem como suas escritas e reflexões, inclusive aquelas que talvez já se encontrem em uma forma textual pronta. O propósito é levar cada participante a traçar seu território de pesquisa pela poética/ poiesis, utilizando materiais, conceitos e sensações. Este corpo que, pela palavra, lê e escreve, envolvido agora com um meio poético visual, buscará cartografar intensidades experienciadas com a imagem, em práticas sensoriais, corpóreas, táteis, perceptivas e vibráteis. Cada estudante interage com o caos e, junto a ele, intensifica e amplia seu campo problemático, produzindo novos dados através de uma poética gráfica e visual trabalhada com o objetivo de uma absorção dos materiais pelas sensações, e vice-versa. Nas experimentações cada participante é um corpo convidado a mergulhar em um campo de molecularidades, trabalho implicado com as forças de criação (peso, germinação, estiramento, atração, desfazimento), na captura de sensações (Deleuze, 2007) pelo enfrentamento dos clichês.

As práticas poetográficas visam uma ativação dos corpos para novos enredos estéticos, por um sentir que se interessa em mexer, movimentar, experimentar um território existencial em deslocamento. Tais práticas atendem questões de pesquisas que dizem respeito ao campo da Educação, são procedimentos que movimentam uma zona de vizinha que chamo de “entre” Educação e Arte, onde os saberes reencontram a vontade de potência da vida em sua condição poética criadora, desalinando a arbitrariedade dos limites impostos. Cada aula-atelier comporta-se como um dispositivo (Agambem, 2005) que pensa em uma Educação por vir. Pelo acesso às multiplicidades comprometidas com aprendizagens mais desafiadoras, as quais apontam uma expansão dos limites da Educação e da Arte, considerados sistemas institucionais estratificados, alcanço então a poetigrafia, um conjunto de ações práticas e teóricas que me permite ficcionar realidades, um “entre” onde as materialidades funcionam como disparadoras de um pensamento que inventa outras possibilidades para aquilo que inquieta, incomoda e desconforta os corpos. Por linhas flexíveis se deseja experimentar uma Educação que alcance entrar em processos de devir (Deleuze e Guattari, 1997; Zurabichivili, 2019). Neste território de pesquisa também meu corpo acompanha os movimentos do pensamento dando vazão a uma sensibilidade que escuta o inaudível para inventar outras educações.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um plano criador, o qual envolve forças que produzem signos para as minhas pesquisas, trabalho um tecer de proposições a cada etapa do processo que se desenrola nas aulas-ateliers. Estas condições me fazem pensar a Educação a partir do que acompanho dos fazeres articulados ao plano da arte. Atento às atitudes, gestos, comentários, conversas e escritas dos participantes, cartografo com os impulsos dos encontros com a arte. As matérias-primas ganham forma de expressão visual e, por consequência, redundam em textos escritos, que poderão compor artigos (TCC), dissertações e teses. Texto e tessitura a comporem trabalhos de pesquisas, linhas a dissertarem ou a construírem teses em Educação com Arte. Escreve-se com a sensação, se

ensaia com a sensação na construção de uma variedade de outras imagens para o pensamento.

Como uma última consideração destaco as reflexões as quais encaminham aspectos que situam o campo da Educação no sonho, no inusitado, no desejo. As forças trabalhadas neste plano de composição aberto, rizomático, que joga com estados inéditos dos corpos como possibilidade de invenção, tem mostrado que outras condições de percepção para a Educação (formação docente e pesquisa) são possíveis, principalmente por se tratar de atos de criação afetados pelos signos artísticos. Poetigravar, portanto, é experimentar no corpo imagem e palavra, visualidades e enunciados, produzindo e produzindo-se por signos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, George. O que é um dispositivo?. Disponível em: <<https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2020/04/TEXT0-10-O-que-%C3%A9-um-dispositivo-Agambem.pdf>>. “Acesso em: 28 de fev 2024”.

COELHO, Alberto. Práticas poetigráficas na formação de uma docência molecular (2022). Pesquisa, Estratégias e Recursos Educacionais – CONFERE 2022. Anais do Congresso. Disponível em: <<https://www.reconectasolucoes.com.br/editora>>. “Acesso em 21 abr 2024”.

CORAZZA, Sandra Mara. Artistagens. Filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

_____. Didaticário de criação; aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

_____. O que se transcria em educação? Porto Alegre: UFRGS, Dois, 2013.

_____. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. Revista Brasileira de Educação, v. 24, p. 1-18, 2019.

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon. Lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Espinoza e os signos. Porto, Portugal: Rés Editora, 1970

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (signos)

_____. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. (devenir)

GUATTARI, Felix. Caosmose. Um novo paradigma estético. São Paulo: Ed 34, 1992.

KASTRUP, Virgínia. Arte, aprendizagem e criação (2001). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/?format=pdf&lang=pt>>. “Acesso em: 20 de abr 2024”.

PASSERON, René. A poiética em questão. Revista Porto Arte, v. 13, n. 21, pp. 3-15, maio 2004. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2004.

_____. Da estética à poiética. Revista Porto Arte, v. 8, n. 15, pp. 103-116, nov. 1997. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1997.

SANCHEZ, José A. A pesquisa artística e a arte dos dispositivos (2015). Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/wp-content/uploads/2015/09/JOS%C3%89-A-S%C3%81NCHEZ-Quest%C3%A3o-de-Cr%C3%ADtica-Vol-VIII-n65-agosto-de-20151.pdf>>. “Acesso em: 20 abr 2024”.

VALERY, Paul. Variedade. São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____. Lições de poética. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2020.

ZOURABICHVILI, François. O que é um devir para Gilles Deleuze? (parte 2) (2019). Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2019/12/09/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-1-por-francois-zourabichvili/>>. “Acesso em: 28 de fev 2024”.

